

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO INTERCÂMBIO REALIZADO NA ESCOLA “PLÍNIO LEMOS” NO ASSENTAMENTO ZÉ MARCOLINO

Maria Raquel Avelino da Silva(1); Hacmone Barbosa Ferreira (1)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CCHSA -CAMPUS III

Resumo: O artigo visa relatar a experiência de intercâmbio realizada na Escola Plínio Lemos localizada no Assentamento Zé Marcolino que fica na divisa entre os municípios de Prata, Sumé e Amparo, microrregião do Cariri Paraibano. Com o objetivo de contar a história de luta e resistência da comunidade em busca de direitos e políticas públicas para a construção de uma escola local, que respeite a identidade das crianças, e discutir sobre a prática pedagógica contextualizada na escola do Assentamento. Como instrumento metodológico utilizamos da observação e do diálogo que nos subsidiaram para conhecermos quais as características da Educação do Campo estão presentes nas práticas pedagógicas da escola Plínio Lemos. A visita proporcionou um processo de reflexão, e de confronto entre teoria e prática para a construção de uma escola de campo com significados, contribuindo na nossa formação para percebermos que a escola precisa ser contextualizada e ética diante da singularidade do sujeito.

Palavras-chave: Educação do campo; Movimentos Sociais; Educação contextualizada.

Introdução

Devido às discussões em sala de aula no Componente Curricular de Estágio Supervisionado VI – Educação do Campo foi construindo em nós o desejo de estar sempre pesquisando e conhecendo várias histórias de luta e resistência da educação do campo, relacionando teoria e prática.

A princípio, escolhemos falar sobre essa temática porque participamos de um intercâmbio na Escola “Plínio Lemos” localizado no Assentamento Zé Marcolino do município de Prata – PB. Com a visita, ficamos inquietas para conhecer quais eram as características da educação do campo que a escola utilizava como prática educativa. O intercâmbio nos permitiu conhecer na prática, uma comunidade marcada por negações e violações em seus direitos. Porém, ela representa também uma militância regada por lutas,

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

conquistas e resistências. A visita responde, por que os movimentos sociais são necessários? Por que a luta por políticas públicas? Por que é necessária uma educação contextualizada para os indivíduos? As respostas para tais perguntas, e o confronto entre teoria e prática, nos provocou para a construção desse diálogo. Nosso principal, objetivo foi conhecer a história de lutas através dos movimentos sociais da Escola Plínio Lemos do Assentamento Zé Marcolino no município de Prata – PB, e sistematizar as características da educação do campo em seu contexto. É relevante falarmos sobre a Educação do Campo porque é um tema que está presente em nosso contexto local, se fazendo próxima da nossa realidade, porém ela se encontra marginalizada tanto nas práticas pedagógicas, quanto nas políticas públicas. Assim, essa reflexão se pauta numa intencionalidade visível que é dialogar com a educação do campo neste cenário de busca pelos direitos sociais e de uma prática pedagógica contextualizada tragos pelos moradores do Assentamento Zé Marcolino na Escola Plínio Lemos

Metodologia, Resultados e Discussão

Quando se pensa em educação contextualizada, é importante levarmos em consideração uma aprendizagem significativa que valorize a existência do sujeito, como ser que tem singularidades e projetos. Nesse sentido se faz necessário que o professor tenha comprometimento com sua prática pedagógica, e respeito com a identidade do indivíduo. A Educação do Campo teve que lutar por uma educação contextualizada, que levasse em conta sua cultura, para que as especificidades de cada campo estivessem unidas a escola, desconsiderando o tipo de educação fragmentada e sem acepção. Morin dizia;

“O conhecimento das informações ou dos dados isolados em seu contexto é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados no seu contexto para adquirirem sentido. Para ter sentido a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se anuncia.” (MORIN, 2000, p.36).

Com isto compreendemos que a educação deve perceber os sujeitos e suas histórias, tendo um currículo que trabalhe as lutas, resistências, questões sociais, democráticas, culturais e políticas. Pensando um modo que incluam, e integrem a diversidade, para que ela faça sentido nas práticas desenvolvidas pelo aluno no meio escolar. Juntamente com a comunidade construir a ideia de justiça social, para que assim, o aluno se perceba como tal, e implante em

seu pensamento o conceito de ponderação em relação a sua origem. Por isso o professor tem que ter essa sensibilidade enquanto seu papel docente de mediador do conhecimento, como dizia Freire “me movo como educador, porque, primeiro me movo como gente” é desse princípio de humanização que se constitui uma educação com práticas contextualizadas, que percebam o sujeito, e nele enxergue dignidade. Freire afirma:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado. Freire (2003, p. 79)

Portanto, o grande desafio do educador é estar inteiro enquanto o que se ensina, despertando no aluno uma percepção de identificação com o saber, provocando inquietações e questionamentos que atribuam sentido, e os façam relacionar o objeto de estudo com sua realidade, os provocando em uma reflexão voltada aos saberes construídos na sala de aula, e também aqueles construídos na produção, na família, na convivência social, na cultura, no lazer e nos movimentos sociais. A educação do campo ocorre tanto em espaços escolares quanto fora deles. Envolve saberes, métodos, tempos e espaços físicos diferenciados. Para Paulo Freire os professores não precisam saber apenas sobre os conteúdos, ele precisa saber como ensinar aqueles conteúdos, buscando contribuir com a formação do sujeito. O cenário de estudo se deu na “Escola Plínio Lemos” que fica no Assentamento Zé Marcolino localizado na divisa entre os municípios de Sumé, Prata e Amparo, microrregião do Cariri Paraibano. Este relato de experiência se deu através do componente curricular educação de estágio. O qual no dia fizemos uso da prática do intercâmbio que nos oportuniza conhecer realidades diferentes da nossa.

Como recurso metodológico para o desenvolvimento deste relato de experiência, utilizamos da observação e do diálogo, o qual possibilitou coletarmos informações para a construção dos conhecimentos aqui relatados. Gil dizia que;

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a

técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo(GIL, 2008.p. 103).

Observar enriquece a metodologia, através da mesma pudemos identificar a aproximação entre teoria e prática. A observação contribui para a análise das hipóteses, e colabora com a compreensão, contribuindo para percepção da realidade. A mesma importância tem o diálogo, no qual Freire descreve;

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para sign ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p.82 e 83).

O diálogo permite criar uma conexão com o outro, nos levando a reflexões, e trocas de experiências, conhecendo a carga histórica, juntamente a diversas realidades. Para Freire o diálogo permite uma fala democrática e de respeito com relação aos outros, na qual você aprende e ensina simultaneamente.

No dia 03 de abril de 2018 participamos de uma visita, na atividade de intercâmbio, que concorda para uma experiência de introduzir-se em dada cultura. Fomos ao Assentamento Zé Marcolino localizado na divisa entre os municípios de Prata, Sumé e Amparo, para conhecermos a” Escola Plínio Lemos” . A nossa visitação foi agendada pelo componente curricular Estágio Supervisionado VI em Educação do Campo.

O assentamento Zé Marcolino fica na microrregião do Cariri Paraibano, onde antigamente existia uma fazenda, a qual foi desapropriada para fins de reforma agrária. Lá vivem muitas famílias, e as crianças dessas famílias estudam na Escola Plínio Lemos, escola essa que é marcada pela luta das mulheres. A escola em seu espaço físico comporta três salas, que atendem a educação infantil e o ensino fundamental em suas séries iniciais. A instituição tem dois banheiros, uma cozinha e a secretária que divide espaço com o pátio. Ao entrarmos na escola, vimos nas paredes, fotografias de atividades culturais usando o espaço externo da escola com a participação da comunidade, tinham também pinturas e atividades escolares, todas contextualizadas com a realidade dos discentes.

No primeiro momento as crianças, junto com professores, funcionários e alguns membros da comunidade, nos levaram, para conhecer a horta escolar , durante a

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

apresentação, as crianças explicaram o que plantavam, para que serviam e o porquê era importante aquela tarefa no cotidiano, neste momento ficou notório a interação que os alunos têm com o ambiente escolar, e como essa prática faz sentido para eles. No segundo momento, já no interior da escola, nos dirigimos a uma das salas, e sentados como em roda de conversa, se deu início, o relato sobre a história da construção da escola, e as lutas das quais ela é resultante. Antes disso as crianças fizeram uma apresentação nos recepcionando de forma acolhedora, com uma canção do seu contexto cultural. Uma das mulheres começou o diálogo contando o que incentivou a associação a ir em busca da efetivação de uma escola do campo no assentamento Zé Marcolino, ela conta que sentiram necessidade de uma escola próxima, devido ao perigo de acidente que as crianças sofriam na locomoção do ônibus para cidade, ela relata, um episódio, de quando uma das crianças colocou o corpo para fora do ônibus, pensando nisso e também em uma educação que atendesse a especificidade local das crianças elas decidiram fazer algo. A partir desses fatores, a associação das mulheres junto à comunidade foram a procura da demanda de seus direitos, na fala dela percebemos que foi um processo de resistência diante das dificuldades, que eram inúmeras, tanto no espaço físico, como na contratação de professores, que reconhecessem em suas práticas pedagógicas, e em seus saberes docentes a identidade do aluno da região.

Na fala das professoras, elas focaram a questão da educação contextualizada, e a exigência por professores que vivessem aquele um contexto de significados, pois não faria sentido, contratar pessoas que não tivessem sensibilidade para perceber a cultura inserida na comunidade. Uma das professoras, que é também diretora, relata que os desafios são diários em virtude da falta de verbas e políticas públicas, que atendam com dignidade o público que estuda na escola. Ouvimos também um dos que ajudaram na construção da escola, e foi peça fundamental com seu apoio, com sua coragem e com seu trabalho. Esse senhor nos emocionou ao contar a importância da escola para as crianças do assentamento, e o quanto a educação é um meio transformador, afirmando na sua própria fala que não entendia muito de educação, mas sabe que futuramente, aquelas crianças terão a formação e o conhecimento necessário para lutar e defender suas causas. Essas palavras causaram um processo de reflexão, diante de um ser humano rico em virtudes, que com simplicidade mostrou entender não apenas de educação, mas também de humanização. Podemos dizer que em sua prática, ele faz uso do que Paulo Freire, dizia “Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo as pessoas, os bichos, as árvores, a vida”, esse senhor tem essa capacidade celeste de emprestar meios para que a esperança aconteça, e de amar essa luta de

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

construção, acreditando nela. Após os relatos, as crianças fizeram a apresentação da música Flor de Mamulengo, para encerrar a roda de conversa.

A escola do campo é uma concepção que está voltada à realidade dos sujeitos. Construir uma educação do campo significa, pensar numa escola sustentada na valorização das suas experiências de vida, pautada na ética e no respeito. Uma escola que proporcione aos seus alunos condições de optarem, como, sobre o lugar onde desejam viver. Que possam sentir a autonomia em suas escolhas, em relevância a escolha por permanência. Norberto Bobbio em 1992 já dizia que “Os direitos do homem não nascem todos de uma vez. Nascem quando podem ou devem nascer” Bobbio nas suas palavras nos diz, que os direitos sociais ao longo da história nascem através de lutas, em busca de direitos uma liberdade, e que essas lutas são processuais e contínuas. São assim as lutas dos movimentos sociais, caracterizada por resistências, para garantir a universalização dos direitos.

Conclusões

Os movimentos sociais e outras militâncias, nos anos de 1990 iniciaram mobilizações pelo direito da educação básica do campo no Brasil. Desta forma devemos compreender a Educação do campo como direito, não apenas direitos dos militantes, mas de todos os povos do campo e como dever do estado. Com essa proposta e com a busca de igualdade social, a luta camponesa traz fortes marcas de desigualdade econômica e social. Como nos diz Arroyo “pesquisar como estas desigualdades marcam profundamente a construção ou a não-construção do sistema educativo, de políticas educativas, de garantias de direitos, especificamente do direito à educação. Marcam a própria escolarização e a escola” (ARROYO, 2006, p.104). Com isto é impossível ficarmos inerentes a esses contextos tão marcantes de resistências.

Esses momentos proporcionaram conhecermos o que é uma educação do campo contextualizada na prática, provocando considerações acerca da nossa postura como ser humano e também como profissional em formação, sobre a responsabilidade no mediar conhecimento, e como nos colocamos diante das lutas e injustiças. O Assentamento Zé

Marcolino é repleto de pessoas que entendem e vivem a palavra educação, de pessoas que lutam acreditando em suas raízes e no valor delas. Nesse dia os moradores do Assentamento Zé Marcolino, dividiram mais do que suas histórias conosco, eles dividiram também suas lutas, que não foram e não são fáceis, mas que são necessárias e transformadoras.

Concluimos que o intercâmbio realizado no assentamento Zé Marcolino na “Escola Plínio Lemos”, foi uma experiência fundamental para nossa formação enquanto docente, e construção humana. Enquanto sujeito em formação, a visita proporcionou nos aproximarmos e refletirmos sobre a educação do campo contextualizada, como ela acontece, e como é importante a garantia de uma educação que respeite o sujeito em sua particularidade, a experiência proporcionou também analisar as lutas de movimentos por direitos, por políticas públicas e igualdade, concluindo que eles são fundamentais para as lutas sociais. Enquanto a formação como ser humano, saímos desse intercâmbio mais abertos a perceber o próximo, e nos humanizarmos diante das injustiças com o outro, sabendo que as conquistas não se dão sozinhas, elas são frutos de um coletivo que enxerga a realidade com esperança; Freire diz;

“Sonhar não é apenas uma ação política necessária, é uma parte integral daquilo que é ser uma pessoa histórico-social. Faz parte da natureza humana; e na história constitui um contínuo processo de criação. Ao nos criarmos no processo histórico, devemos manter a capacidade de sonhar, porque o sonho é a condição para poder mover a história. Não há mudanças sem sonhos, como também não há sonhos sem esperança. Entender a história como uma possibilidade e não como uma coisa predeterminada seria impossível sem o sonho. Mas nossos sonhos e nossas utopias não se realizam sozinhos. Nós precisamos criá-los, produzi-los, lutar para que se tornem realidades. .FREIRE, 1992.

Assim, acreditamos que a prática, o convívio e o se relacionar, contribuem para a significância das reflexões pautadas em nossa realidade. O Assentamento Zé Marcolino, não foi, nem será, ela é uma experiência que está externada em nós.

Referências

APPLE, Michael. **Ideologia e currículo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GIL, Antonio Carlos: **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. – São Paulo: Atlas,2008

FREIRE, P. & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

CALDART, Roseli Salette. **Sobre educação do campo**. III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Luziânia/GO, de 2 a 5 de outubro de 2007 – Disponível em: . Acesso em: 13 mar. 2012.

FREIRE, Paulo (1992). **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 245 p.

HAGE, Salomão Mufarrey. **Movimentos sociais do campo e educação**: referências para análise de políticas públicas de educação superior. Revista Eletrônica de Educação, v. 8,n.1.p.133-150,2014